

LIÇÃO 3 - A Natureza da Unidade

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 2:1053b 9-1054a 19

“ 829. É necessário investigar como a unidade se relaciona com a substância e a natureza das coisas. Em certo sentido, este é um problema que examinamos (266) nas questões sobre a natureza da unidade, e como ela deve ser tomada: se deve ser tomada como uma substância, como os pitagóricos primeiro afirmaram, e mais tarde Platão, ou se, antes, existe alguma natureza que lhe subjaz, e é necessário descrevê-la mais significativamente e mais nos termos daqueles que falam da natureza; pois um deles disse que a unidade é a amizade, outro, o ar, e outro, o indeterminado.

830. Se, então, é impossível para um universal ser uma substância, como foi dito em nosso tratamento da substância e do ser (651), e o próprio ser não pode ser uma substância no sentido de uma coisa existindo separada dos muitos (pois é comum a todos eles), mas é apenas um predicado, é evidente que a unidade não pode ser uma substância; pois o ser e a unidade são os mais universais de todos os predicados. Portanto, os gêneros não são certas naturezas e substâncias que são separáveis de outras coisas; e a unidade não pode ser um gênero, pelas mesmas razões que o ser e a substância não podem sê-lo (229).

831. Além disso, a mesma coisa deve ser verdadeira para a unidade em todas as categorias de coisas. Ora, a unidade e o ser são usados em um número igual de maneiras. Portanto, uma vez que na categoria das qualidades existe algo que é um e uma certa natureza, e uma vez que o mesmo é verdadeiro para as quantidades, é evidente que devemos investigar de modo geral o que é a unidade, assim como devemos investigar o que é o ser, na medida em que não é suficiente dizer que sua natureza é apenas ela mesma. Mas na esfera das cores, a unidade é uma cor, por exemplo, o branco; e então as outras cores parecem ser produzidas a partir desta e do preto; e o preto é a privação do branco, assim como a escuridão é a privação da luz; pois é a ausência de luz. Se, então, todos os seres fossem cores, eles seriam um número. Mas de quê? Evidentemente, de cores. E a própria unidade seria alguma cor única, por exemplo, o branco. Da mesma forma, se os seres fossem tons musicais, eles seriam um número de meios-tons menores; mas sua substância não seria um

número; e a unidade seria algo cuja substância não é a unidade, mas um meio-tom menor. Da mesma forma, se os seres fossem sons, eles seriam um número de elementos, e a unidade seria uma vogal. E se os seres fossem figuras retilíneas, haveria um número de figuras, e a unidade seria um triângulo. O mesmo raciocínio se aplica aos outros gêneros. Portanto, se em todas as afecções, qualidades, quantidades e movimentos existem números e unidade, e se o número é um número de coisas particulares, e a unidade é uma unidade particular, mas a unidade não é sua substância, então a mesma coisa deve ser verdadeira para as substâncias, porque o mesmo é verdadeiro para todas as coisas. É evidente, então, que em cada gênero a unidade é uma natureza determinada, e que em nenhum caso a natureza de sua unidade é meramente a unidade. Mas assim como no caso das cores a unidade pela qual devemos procurar é uma cor, de modo semelhante, no caso das substâncias, a unidade deve ser uma substância.

832. Que a unidade e o ser de algum modo significam a mesma coisa é evidente pelo fato de que eles têm significados correspondentes a cada uma das categorias e não estão contidos em nenhuma delas: nem na quiddidade nem na qualidade, mas a unidade se relaciona com cada uma da mesma forma que o ser; e pelo fato de que “um homem” não expressa algo diferente de “homem”, assim como o ser não existe separado da quiddidade ou da qualidade ou da quantidade; e porque ser um é exatamente o mesmo que ser uma coisa particular.

COMENTÁRIO

1961. Depois de ter mostrado como a unidade, no sentido de medida, encontra-se primeiro na quantidade e depois é transferida para as outras categorias, o Filósofo trata aqui da relação da unidade com a substância, ou seja, se a unidade constitui a própria substância de uma coisa. Isso se divide em três partes. Na primeira (829:C 1961), ele levanta a questão e apresenta as diferentes opiniões a respeito. Na segunda (830:C 1963), ele responde à questão mostrando que a unidade e o ser não são a substância das coisas das quais são predicados (“Se, então”). Na terceira (832:C 1974), ele compara a unidade com o ser (“Que a unidade e o ser”).

Ele diz, portanto, primeiro (829), que, uma vez que já foi mostrado como a unidade, no sentido de medida, pertence à quantidade e às outras classes de coisas, é necessário agora perguntar como a unidade se relaciona com as substâncias e naturezas das coisas. Esta questão foi levantada acima no Livro III (266:C 488), no qual diferentes problemas foram propostos.

1962. A questão é se a própria coisa que é chamada de unidade é uma substância, i.e., algo que subsiste por si mesmo, como os pitagóricos primeiro afirmaram, e como os platônicos, que os seguiram, posteriormente sustentaram; ou se, em vez disso, há alguma natureza subsistente que subjaz à unidade, em termos da qual a quiddidade da coisa designada como uma deva ser expressa de forma mais significativa e adequada. Os filósofos da natureza pressupunham esta entidade, um deles dizendo que a unidade é o amor, a saber, Empédocles, que afirmava haver quatro princípios

materiais, os quatro elementos, aos quais os princípios ativos por ele postulados, amor e ódio, são ditos anteriores. E destes, o mais importante é o amor, na medida em que é perfeito e o princípio das coisas boas. Portanto, se o primeiro princípio é chamado de unidade, segue-se, segundo ele, que a unidade é o amor. E isso se encaixa no caso, na medida em que indica uma certa união do amante e da coisa amada. Outro filósofo, Diógenes, que afirmava que o ar é o princípio de todas as coisas (41:C 86), disse que a unidade é o ar. E ainda outro filósofo disse que a unidade é o indeterminado, a saber, Melisso, que afirmava haver um ser infinito e imutável, como fica claro no Livro I da *Física*.

1963. **Se, então** (830).

Aqui ele responde à questão que foi levantada. Ele diz que a unidade não é uma substância subsistente, da qual se possa predicar o termo um. Ele prova isso de duas maneiras. Primeiro (830:C 1963), por um argumento; e segundo (831:C 1967), por uma comparação (“Além disso, a mesma coisa”).

Ele diz, então, que foi provado acima no Livro VII (651:C 1572), onde ele trata do ser, e especialmente da substância, que nenhum universal pode ser uma substância que subsiste por si mesma porque todo universal é comum a muitos. Um universal também não pode ser uma substância subsistente porque, caso contrário, teria que ser uma coisa separada dos muitos, e então não poderia ser comum, mas seria em si mesmo uma coisa singular.

1964. A unidade poderia, é verdade, ser dita comum como uma causa o é. Mas o aspecto comum de um universal difere do de uma causa; pois uma causa não é predicada de seus efeitos, já que a mesma coisa não é a causa de si mesma. Mas um universal é comum no sentido de algo predicado de muitas coisas; e assim deve ser de alguma forma um-um-em-muitos, e não algo subsistindo separado deles.

1965. Mas o ser e a unidade devem ser predicados de todas as coisas da maneira mais universal e comum. Portanto, aquelas coisas que são chamadas de ser e unidade não são elas mesmas substâncias subsistentes, como Platão sustentava.

1966. Deste argumento ele conclui que nenhum gênero são naturezas e substâncias que subsistem por si mesmas como se fossem separáveis das coisas das quais são predicadas. Isso também foi uma das questões debatidas acima (229:C 432). No entanto, isso não é dito no sentido de que a unidade seja um gênero; pois a unidade não pode ser um gênero pela mesma razão que o ser não pode, uma vez que não é predicado univocamente. Isso também é verdade à luz das outras razões dadas no Livro III (269-74:C 493-501). E pela mesma razão, a unidade e o ser não podem ser substâncias subsistentes.

1967. **Além disso, a mesma coisa** (831).

Aqui ele prova o mesmo ponto por uma comparação. Ele diz que a unidade deve ser encontrada da mesma maneira em todas as categorias de coisas, porque o ser e a unidade são predicados de um número igual de maneiras em todos os gêneros. Mas em cada gênero de coisas, procuramos algo que é um (implicando que a unidade não é a própria natureza do que é dito ser um), como é evidente no caso das qualidades e no das quantidades. É claro, então, que em nenhum gênero é

suficiente dizer que a natureza do que é dito ser um é apenas a própria unidade, mas devemos inquirir o que são a unidade e o ser.

1968. Que é necessário investigar o que é a unidade na categoria das qualidades e na das quantidades, ele torna claro por exemplos. Ele faz isso primeiro no caso das cores; pois procuramos algo que é um, como a brancura, que é a cor primária. Portanto, se o que é primário em cada classe de coisas é sua unidade, a brancura deve constituir a unidade na classe das cores; e deve ser, de certa forma, a medida das outras cores, porque quanto mais perfeita a cor de uma coisa, mais ela se aproxima da brancura. Ele mostra que a brancura é a cor primária pelo fato de que as cores intermediárias são produzidas a partir do branco e do preto, sendo, portanto, posteriores. O preto é posterior ao branco porque é a privação do branco, assim como a escuridão é a privação da luz. Mas isso não deve ser entendido como significando que o preto é privação pura da mesma forma que a escuridão é (pois o preto é uma espécie de cor e, portanto, possui a natureza da cor), mas que a negritude contém a menor quantidade de luz, que causa as cores; e assim é comparada ao branco como a ausência de luz é comparada à luz.

1969. E porque nas cores procuramos algo que é primeiro e um, a saber, o *branco*, fica claro que se todos os seres fossem cores, eles teriam algum número, não no sentido, no entanto, de que o número constituiria as próprias coisas subsistentes, mas no sentido de que haveria um número de coisas subsistentes de um tipo particular, i.e., cores. E então haveria algo que é o sujeito da unidade, a saber, aquilo que é branco.

1970. O mesmo seria verdade se todas as coisas fossem tons musicais; porque os seres seriam de um certo número, isto é, um número de semitons menores ou tons. No entanto, o número não é a própria substância dos seres e, conseqüentemente, seria necessário procurar algo que é um, a saber, o semitom menor; mas não de tal maneira que a própria unidade seria uma substância.

1971. De modo semelhante, se todos os entes fossem sons, eles seriam um número de entes, porque há um número de sujeitos particulares do número, a saber, "dos elementos", ou letras. Portanto, a vogal, que é a letra primária (já que as consoantes não podem ser pronunciadas sem vogais), constituiria a sua unidade.

E de modo semelhante, se todas as figuras fossem figuras retilíneas, haveria um número de sujeitos, a saber, figuras; e o triângulo, que é a figura retilínea primária, constituiria a sua unidade; pois todas essas figuras são redutíveis ao triângulo. O mesmo raciocínio se aplica a toda categoria.

1972. Se é assim, então, que o número e a unidade são encontrados em todas as outras categorias: nas afecções, qualidades e quantidades, e no movimento; e se o número e a unidade não são a substância das coisas das quais são predicados, mas o número é predicado de certas substâncias, e se a unidade similarmente requer algum sujeito que é dito ser um, o mesmo deve ser verdadeiro para as substâncias, porque o ser e a unidade são predicados da mesma maneira de todas as coisas. É evidente, então, que em qualquer categoria de coisas há alguma natureza da qual o termo *um* é predicado, não porque a própria unidade seja a natureza de uma coisa, mas porque é predicada dela.

1973. E assim como quando falamos de unidade no caso das cores, procuramos alguma cor que é dita ser uma, também quando falamos de unidade no caso das substâncias, procuramos alguma substância da qual a unidade possa ser predicada. E isto é predicado primária e principalmente do que é primeiro entre as substâncias (o que ele investiga abaixo, 2553-66), e subsequentemente das outras classes de coisas.

1974. **Que a unidade e o ser** (832).

Uma vez que ele havia dado o mesmo argumento para o ser e para a unidade, ele mostra agora que a unidade e o ser de alguma forma significam a mesma coisa. Ele diz "de alguma forma" porque a unidade e o ser são os mesmos em seu sujeito e diferem apenas no significado. Pois a unidade acrescenta ao ser a nota de indivisão, porque o que é um é dito ser um ente indivisível ou indiviso. Ele dá três razões pelas quais a unidade significa a mesma coisa que o ser.

1975. (1) A primeira é que a unidade pertence naturalmente a todas as diferentes categorias e não apenas a uma delas; isto é, não pertence apenas à substância ou à quantidade ou a qualquer outra categoria. O mesmo também é verdadeiro para o ser.

1976. (2) A segunda razão é que, quando um homem é dito ser um, o termo *um* não expressa uma natureza diferente de homem, assim como o ser não expressa uma natureza diferente das dez categorias; pois, se expressasse uma natureza diferente, um regresso infinito resultaria necessariamente, uma vez que essa natureza também seria dita ser uma e um ente. E se o ser expressasse uma natureza diferente dessas coisas, um regresso infinito também se seguiria; mas se não, então a conclusão deste argumento deve ser a mesma que a do primeiro.

1977. (3) A terceira razão é que tudo é dito ser um na medida em que é um ente. Portanto, quando uma coisa é dissolvida, é reduzida ao não-ser.

1978. [Objeção] Agora, nesta solução da questão, o Filósofo parece contradizer a si mesmo; pois ele primeiro disse que a unidade e o ser não são a substância das coisas das quais são predicados, mas aqui ele diz que a unidade e o ser não expressam uma natureza diferente das coisas das quais são predicados.

1979. Portanto, deve-se notar que o termo *substância* é usado em dois sentidos. (1) Em um sentido, significa um suposto no gênero da substância, que é chamado de substância primeira e hipóstase, ao qual pertence propriamente subsistir. (2) Em um segundo sentido, significa a quididade de uma coisa, que também é referida como a natureza de uma coisa. Portanto, uma vez que os universais são coisas subsistentes de acordo com a opinião de Platão, eles significam substância não apenas no segundo sentido, mas também no primeiro. Mas Aristóteles prova no Livro VII (1572) que os universais não são coisas subsistentes e, portanto, segue-se que os universais não são substâncias no primeiro sentido, mas apenas no segundo. E por esta razão é dito nas *Categorias* que as substâncias segundas, que são gêneros e espécies, não significam coisas particulares, que são substâncias subsistentes, mas "significam a quididade de uma coisa", i.e., uma natureza no gênero da substância.

1980. O Filósofo provou, portanto, acima que a unidade e o ser não significam substância no sentido desta coisa particular, mas é necessário procurar algo que seja um e um ente, assim como

procuramos algo que seja um homem ou um animal, como Sócrates ou Platão.

Mais tarde, ele mostra que esses termos significam as naturezas das coisas das quais são predicados e não algo acrescentado, como acidentes. Pois os atributos comuns diferem dos acidentes a este respeito (embora concordem em não serem coisas particulares), que os atributos comuns significam a própria natureza dos supostos, enquanto os acidentes não, mas significam alguma natureza acrescentada.

1981. E Avicena, que não levou isso em consideração, afirmou que a unidade e o ser são predicados accidentais e que significam uma natureza acrescentada às coisas das quais são predicados. Pois ele foi enganado pelo uso equívoco do termo *um*, porque a unidade que é o princípio do número e tem o papel de uma medida no gênero da quantidade significa uma natureza acrescentada às coisas das quais é predicada, uma vez que pertence a uma classe de acidente. Mas a unidade que é intercambiável com o ser se estende a tudo que é e, portanto, não significa uma natureza que é limitada a uma categoria.

1982. Ele também foi enganado pelo uso equívoco do termo *ser*; pois o ser como significando a composição de uma proposição é predicado acidentalmente, uma vez que a composição é feita pelo intelecto com relação a um tempo definido. Ora, existir neste ou naquele tempo particular é ser um predicado acidental. Mas o ser como dividido pelas dez categorias significa a própria natureza das dez categorias na medida em que são atuais ou potenciais.

Revision #2

Created 17 September 2026 23:39:31 by Admin

Updated 17 September 2026 23:53:26 by Admin